

MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: ASPECTOS DE ANÁLISE, AVALIAÇÃO E ADAPTAÇÃO¹

Márcio Luiz Corrêa Vilaça (UNIGRANRIO)

Resumo:

Este artigo discute aspectos fundamentais da análise, avaliação e adaptação de materiais didáticos. Embora este trabalho enfoque o ensino de língua estrangeira, algumas discussões podem ser de grande valia para professores e desenvolvedores de materiais didáticos de outras áreas.

Key words: materiais didáticos, livro didático, ensino de língua, avaliação

INSTRUCTIONAL MATERIALS IN FOREIGN LANGUAGE TEACHING: ASPECTS OF ANALYSIS, EVALUATION AND ADAPTATION

Abstract:

This article discusses key aspects of analysis, evaluation and adaptation of instructional materials. Although it focuses on foreign language teaching, some discussions may be helpful for teachers and course designers in different fields.

Key words: instructional materials, coursebook, language teaching, evaluation

¹ Este artigo foi adaptado, revisado e ampliado de parte da tese de doutorado do autor.

1- Introdução

O assunto mais discutido sobre materiais didáticos de língua estrangeira é a avaliação (NUNAN, 1995; HARMER, 2001, HOLDEN & ROGERS, 2002; LITTLEJOHN, [1998] 2004, entre outros), com predomínio das discussões sobre a avaliação de livros didáticos (WILLIAMS, 1983; BYRD, 2001). Este fato justifica-se plenamente, uma vez que a tarefa de selecionar um material didático é uma tarefa árdua e de grande responsabilidade para professores e responsáveis por cursos de línguas, seja em cursos particulares de idiomas, escolas ou universidades, entre outros possíveis contextos. As consequências da seleção do livro didático variam de aspectos pedagógicos a financeiros.

O objetivo básico da avaliação de materiais didáticos é verificar o nível de adequação do material à situação específica de ensino aprendizagem (MCDONOUGH & SHAW, 2003) na qual eles devem ser empregados. É necessário reconhecer, no entanto, que a adequação é sempre parcial, uma vez que a quantidade de fatores envolvidos impossibilita que um material se “encaixe como uma luva” no contexto específico de ensino. Em outras palavras, o *nível de adequabilidade* expressa a menor ou maior probabilidade do material estar de acordo com os objetivos de ensino, com as características e as necessidades da situação-alvo.

Assim como não há métodos perfeitos, também não existem materiais perfeitos ou infalíveis, mesmo quando elaborados sob encomenda para atender a especificidades bem identificadas e delimitadas previamente.

Richards (2005) afirma que não é difícil encontrar exemplos de materiais de ensino, amplamente empregados, que sirvam com sucesso a diferentes contextos de ensino, apesar de seguirem metodologias consideradas arcaicas com base em teorias e pesquisas recentes. Isto indica a consideração *a priori* materiais didáticos como “ultrapassados” ou “limitados”, com base na abordagem ou na metodologia em que ele se insere, pode apresentar riscos.

Embora a avaliação, conforme já mencionado, seja o tema mais popular relacionado a materiais didáticos, Sheldon (1988) comenta que a publicação de análises de materiais didáticos em revistas e periódicos especializados parece ter pouca influência sobre os professores na prática. A justificativa para esta pequena influência apontada deve-se às diferenças entre os contextos de

ensino. Sheldon acrescenta que as formas como as análises são apresentadas, em publicações e em relatórios, dificultam a compreensão das mesmas.

Um aspecto que merece reflexão e discussão é a preparação do professor para a avaliação e seleção de materiais didáticos. Alguns questionamentos se fazem relevantes: O que é avaliação de materiais? Como e quando avaliar os materiais? Os professores estão devidamente preparados para esta tarefa? Direta e indiretamente este trabalho propõe uma oportunidade de discussão e reflexão destas questões, com o foco na avaliação e seleção de materiais didáticos para o ensino de línguas estrangeiras.

Embora não seja a motivação ou o foco deste trabalho, convém salientar que a entrada dos livros didáticos de língua estrangeira no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) a partir de 2011 motiva maior necessidade de atenção para a seleção de livros didáticos.

Este artigo apresenta discussões sobre a análise, avaliação e adaptação de materiais didáticos, com foco nos livros didáticos. Embora este trabalho enfoque o ensino de língua estrangeira, o presente trabalho pode contribuir para professores e desenvolvedores de materiais didáticos de outras áreas. Este trabalho dá continuidade à proposta de discutir aspectos básicos sobre materiais didáticos, iniciada em trabalho anterior (VILAÇA, 2009).

2- Análise e avaliação

A literatura com maior frequência discute dois processos: a análise e avaliação. A análise, assim com em Cunningsworth (1995), visa à compreensão do material, suas características, seus objetivos, entre outros aspectos. Em termos gerais, a análise promove a descrição do material didático. Esta descrição busca compreender a metodologia, os princípios, a organização e as características do material. Trata-se, portanto, de procedimentos com foco no próprio material, deixando para segundo plano a compreensão de um contexto de ensino específico. Busca-se, basicamente,

compreender o material, sem julgamento de valor, qualidades, potencialidades, carências e falhas etc.

A avaliação é o julgamento do material, em geral para fins de adoção, com base em critérios, necessidades, características e objetivos da situação-alvo. Busca-se com a avaliação verificar a qualidade, as potencialidades, vantagens e desvantagens do material. A avaliação pode ser realizada, ou não, considerando uma possível situação-alvo específica de ensino-aprendizagem.

Embora o termo *avaliação* seja comumente empregado de forma abrangente, Cunningsworth (1995, p. 9) aponta quatro estágios no processo de avaliação de livros didáticos: *análise*, *interpretação*, *avaliação* e *seleção*.

Cunningsworth (1995) considera que a análise representa um “estágio mais ou menos neutro”, no qual informações de naturezas e categorias diferentes são consideradas. No passo seguinte, na interpretação, experiências e julgamentos profissionais exercem papéis de destaque. A avaliação, o terceiro estágio, consiste basicamente em julgamento de valor com base em critérios e fatores estabelecidos pelo(s) avaliador(es). Finalmente, a seleção busca verificar a adequação do livro em análise ao contexto específico de ensino e às suas características.

3- A avaliação em diferentes momentos

Devido à sua complexidade, é amplo o reconhecimento de que a avaliação de materiais didáticos deve ocorrer em diferentes momentos, não devendo ficar restrita à avaliação para a adoção. Cunningsworth (1995) discute a avaliação de livros didáticos em três momentos diferentes:

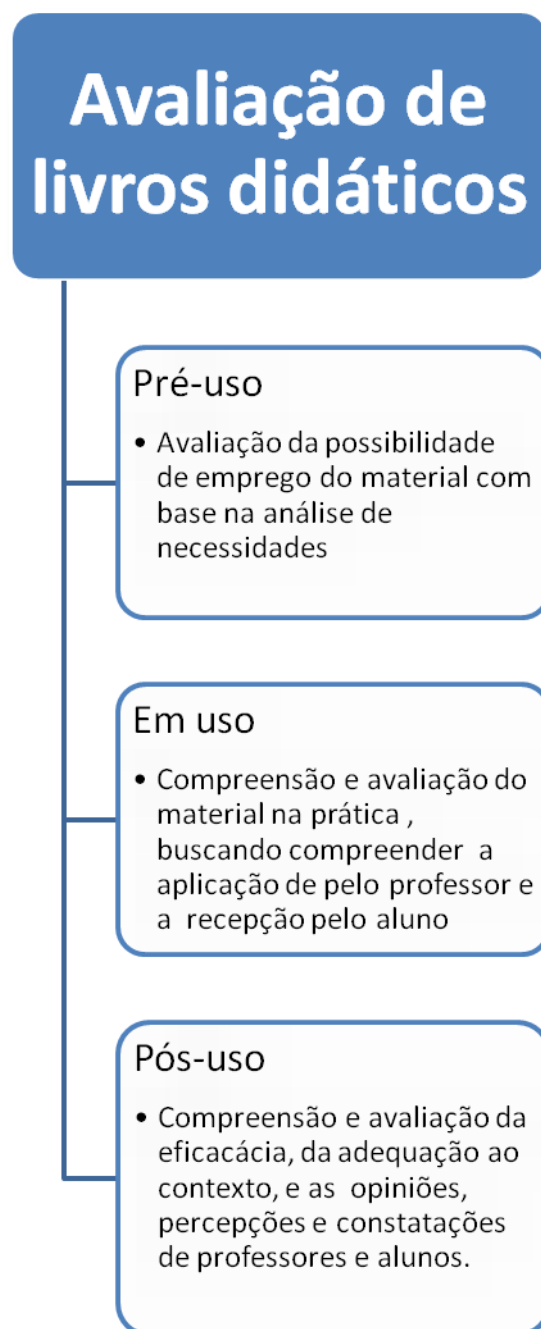
a) antes do emprego do material didático, para a seleção do mesmo para o contexto de ensino;

b) em uso, objetivando a compreensão da aplicação real do material;

c) avaliação posterior ao emprego, geralmente com o propósito de conferir grau de satisfação e ou eficácia do material, e compreender o impacto, as características e as consequências da sua adoção e emprego.

A figura 1 auxilia a sintetizar esta discussão.

FIGURA 1 – Avaliação de Materiais Didáticos: diferentes momentos



A avaliação, que idealmente deveria ser realizada nestes três momentos, na prática ocorre predominantemente antes da seleção do material (SHELDON, 1988; CUNNINGSWORTH, 1995; ELLIS, 1997). O objetivo básico desta avaliação é simples: auxiliar na escolha do material didático. Sheldon (1988) chama esta forma de análise de *preditiva*, uma vez que tem por finalidade prever as potencialidades e a adequação do material ao contexto de ensino.

4- Avaliação impressionista

Ainda em relação à avaliação pré-uso, pesquisadores alertam para o fato de ser comum que esta forma de avaliação aconteça de forma impressionista (CUNNINGSWORTH, 1995; ELLIS, 1997), com base na opinião e na intuição do professor após um breve e superficial contato com o material. Isto significa que não há o emprego sistemático de princípios, critérios e instrumentos de avaliação.

A avaliação impressionista, no caso do livro didático, pode ocorrer, por exemplo, num simples folhear de páginas e leitura da capa e contra-capas. Este tipo de avaliação geralmente é justificado pela experiência do professor. No entanto, é necessário ressaltar que esta avaliação pode sofrer forte influência de crenças.

Outro aspecto que merece menção é a possibilidade de o professor avaliar um material colocando-se como “aluno-alvo”. Em outras palavras, o professor pode escolher um material didático com o qual ele gostaria de estudar. Logicamente é grande a possibilidade de inadequação ao contexto e ao público-alvo.

5- Estabelecimento de critérios de avaliação

A literatura apresenta uma ampla diversidade de critérios para a avaliação de materiais didáticos, mais notadamente de livros didáticos. Se em termos teóricos este fato ressalta a complexidade e a importância dos materiais

didáticos, em termos práticos faz-se necessário estabelecer prioridades e definir um conjunto de critérios a adotar.

Cunningsworth (1995, p.5) alerta para esta realidade ao afirmar que:

A avaliação de materiais é uma questão complexa, uma vez que há muitas variáveis que afetam o sucesso ou o fracasso de livros didáticos quando eles estão em uso. O número de variáveis está refletido na variedade e multiplicidade de possíveis critérios de avaliação. Entretanto, é importante limitar o número de critérios empregados, o número de questões perguntadas, em proporções administráveis. Caso contrário, corremos o risco de nos afogarmos no mar de detalhes.

O responsável pela avaliação de materiais didáticos deve, portanto, estabelecer um número gerenciável de critérios. É possível encontrar na literatura diferentes modelos, propostas, critérios e parâmetros para a avaliação (CUNNINGSWORTH, 1995; BROWN, 2001). Questionários e *checklists* são empregados com frequência neste processo. Há também formulários que possibilitam a atribuição de nota para os critérios em análise e avaliação.

Masuhara ([1998] 2004) salienta a importância da análise de necessidades no processo de avaliação de materiais didáticos. A partir da compreensão das necessidades e das características do contexto de uso é possível delimitar melhor os critérios a serem adotados ou, ainda, estabelecer prioridades entre os critérios. O pesquisador, na obra citada, discute abordagens que podem ser empregadas para a investigação das necessidades pedagógicas.

6- A adaptação de materiais didáticos: passos possíveis

Conforme já discutido nesta seção, a adequação do material didático tende a ser, quase que invariavelmente, parcial. Como consequência, é reconhecida a necessidade de adaptação. A literatura oferece ampla discussão sobre a adaptação de materiais (CUNNINGSWORTH, 1995; HARMER, 2001; SALAS, 2004; TOMLINSON & MASUHARA, 2005, entre outros).

As discussões de pesquisadores e autores apontam para alguns movimentos possíveis na adaptação de materiais que incluem:

- 1) **Adição** – inclusão de atividades, tarefas, materiais extras
- 2) **Apagamento/Subtração/Omissão**- omissão de parte do material didático
- 3) **Adaptação/Re-elaboração** – modificação parcial de tarefas e atividades
- 4) **Simplificação** – busca simplificar os objetivos e os procedimentos de uma tarefa ou atividade
- 5) **Reordenamento** – mudança da ordem de atividades, sem omiti-las

Convém destacar que os autores não apresentam uma visão uniforme sobre as decisões e procedimentos a serem tomados na adaptação. No entanto, os movimentos acima servem para ilustrar a variedade e complexidade das possibilidades. A figura seguinte contribui para esta compreensão.

Figura 2 - Adaptação de materiais didáticos: movimentos possíveis



Dentre os movimentos de adaptação acima, interessa-nos mais especificamente a adição. Ao adicionar materiais às suas aulas, o professor tem duas opções:

- ✓ empregar materiais elaborados por terceiros
- ✓ elaborar seus próprios materiais.

A elaboração de materiais didáticos para a adaptação de livros didáticos contribui para a concepção do professor como desenvolvedor de materiais didáticos (BROWN, 2001; SALAS, 2004). Trate-se, pois, de competência que deve fazer parte de sua formação, mesmo que o professor não pretenda se dedicar diretamente ao desenvolvimento de materiais didáticos.

Salas (2004) e Tomlinson (2005) consideram que a adaptação de materiais já representa uma forma de desenvolvimento. Esta relação entre adaptação e elaboração fica visível em publicações que discutem a elaboração de materiais didáticos. Em publicações desta natureza, é comum que discussões sobre avaliação de materiais didáticos aconteçam intercaladas com capítulos ou artigos sobre elaboração, ou antes destes. Isto sinaliza que as competências para avaliar materiais contribuem para a elaboração de materiais de qualidade.

7- Considerações Finais

A proposta deste artigo foi salientar a importância da avaliação de materiais didáticos de forma planejada, com base na análise de necessidades, compreensão contextual e estabelecimento de critérios de julgamento de nível de adequação do material. Buscou-se também destacar alguns riscos de “análises impressionistas” ou demasiadamente pessoais.

Devido às características desta publicação e, em especial, as deste trabalho, discussões detalhadas sobre possíveis critérios de avaliação devem ser feitas em trabalho futuro. O objetivo, no entanto, foi proporcionar uma compreensão geral sobre a complexidade do processo de avaliação e adaptação de materiais didáticos. Considero ser este aspecto mais uma das

competências necessárias ao professor. É necessário, portanto, refletir sobre possibilidades de estudo de questões relativas a materiais didáticos na formação em serviço e pré-serviço de professores. Este deve ser capaz de compreender potencialidades e limitações de materiais didáticos de naturezas diferentes, em especial do livro didático, uma vez que, apesar de todos os avanços e mudanças que a tecnologia tem proporcionado, o livro didático ainda é a modalidade de material mais empregada em sala de aula, exercendo influência nas práticas pedagógicas de professores.

Por fim, cabe argumentar mais uma vez, a necessidade de mais pesquisas envolvendo materiais didáticos (MATOS, 1976; SHELDON, 1988; COOK, 1998; MCDONOUGH & SHAW, 2003; TOMLINSON [2001] 2004; TOMLINSON & MASUHARA, 2005; VILAÇA, 2009).

8 –Referências bibliográficas:

BROWN, H. D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. San Francisco: Longman, 2001.

BYRD, P. Textbook: evaluation for selection and analysis for implementation. IN: CELCE-MURCIA, M. *Teaching English as a second or foreign language*. Third Edition. London: Heinle Heinle – Thomson Learning, 2001.

CRAWFORD, J. The role of materials in the language classroom: finding the balance. IN: RICHARDS, J. C. & RENANDYA, W. A. *Methodology in language teaching: an anthology of current practice*. New York: Cambridge, 2002.

COOK, V. Relating SLA research to language teaching materials. *Canadian Journal of Applied Linguistics*, v1, N1-2, 1998.(9-27)

CUNNINGSWORTH, A. *Choosing your coursebook*. Oxford: Heineman, 1995.

ELLIS, R. The empirical evaluation of language teaching materials. *ELT Journal* Volume 51/1 January 1997.

HARMER, J. *The practice of English language teaching*. Third Edition. Essex: Longman, 2001.

HOLDEN, S.; ROGERS, M. *O ensino da língua inglesa*. 2 ed. São Paulo: SBS Editora, 2002.

LITTLEJOHN, A. The analysis of language teaching materials: inside the Trojan Horse. IN: TOMLINSON, B. (ed) [1998]. *Materials development in language teaching*. Cambridge: CUP, 2004. p.190-216

MASUHARA, H. What do teachers really want from coursebooks? In: TOMLINSON, B. (ed). [1998] *Materials development in language teaching*. Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004.

MATOS, F. G. *Lingüística aplicada ao ensino de inglês*. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1976.

MC DONOUGH, J. & SHAW, C. *Materials and methods in ELT: a teacher's guide*. Oxford: Blackwell, 2003.

NUNAN, D. *Language Teaching Methodology: a textbook for teachers* New York: Phoenix ELT, 1995.

RICHARDS, J.C. Materials development and research- Making the connections. Paper presented at a colloquium on research and materials development- TESOL Convention, San Antonio, March, 2005. Disponível em <http://www.professorjackrichards.com/pdfs/materials-development-making-connection.pdf> . Data de acesso: 25/04/09.

SALAS, M. R. English Teachers as Materials developers. *Actualidades Investigativas en Educacion*. Vol. 4. N. 2, 2004.

SHELDON, L. E. Evaluating ELT textbook and materials. *ELT Journal* Volume 42/4 October 1988.

TOMLINSON, B. (ed). *Materials development in language teaching*. [1998] Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004.

TOMLINSON, B. Comments on Part B. In: TOMLINSON, B. [1998] (ed). *Materials development in language teaching*. Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004d. p.146-148

TOMLINSON, B. Conclusions. In: TOMLINSON, B. (ed) [1998]. *Materials development in language teaching*. Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004e. p. 340 - 344

TOMLINSON, B. Developing Materials to Develop Yourself . *Humanising Language Teaching*. Year 5; Issue 4; July 03.

TOMLINSON, B. Preface. In: TOMLINSON, B. (ed). [1998] *Materials development in language teaching*. Cambridge: CUP, 2004.

TOMLINSON, B. The future for ELT materials in Asia. *Electronic Journal of Foreign Language Teaching*. Vol.2 No. 2 pp: 5-13, 2005.

TOMLINSON, B. & MASUHARA, H. E *Elaboração de materiais para cursos de idiomas*. São Paulo: SBS Editora, 2005.

VILAÇA, M. L. C. O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades papéis. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio*. Volume VII. Número XXX. Julho-Setembro de 2009.

WILLIAMS, D. Developing criteria for textbook evaluation. *ELT Journal*, Oxford, vol. 37, n. 3, p. 251-255, 1983.